

Vitória institucional

Mesmo desejando um pronto restabelecimento ao Presidente Figueiredo, temos de reconhecer que a posse do Vice-Presidente Aureliano Chaves foi uma vitória tão grande quanto o fim do Ato Institucional nº 5 e a anistia. Outro importante degrau rumo à institucionalização da democracia no Brasil, pois ninguém teve coragem de propor a institucionalização da ditadura. Acabou-se a geração de Francisco Campos, discípula de Oliveira Viana. De tanto se insistir nos princípios liberais, mesmo por quem não crê, eles terminam vencendo. Os neo-estadonovistas disfarçados acabaram recuando para a defensiva, e alguns andam até se intitulado de "centro-esquerda"...

A substituição, inclusive temporária, dos Presidentes brasileiros apresenta-se muito simples, pelas atuais regras legais do jogo. É suficiente constatar-se seu impedimento, por declaração própria, no caso de ausência por viagem, ou por confirmação médica no caso de enfermidade.

O contrário ocorre nos Estados Unidos.

Lá o Presidente surge mais imperial, numa República que também possui muito de imperial, segundo o demonstraram Arthur. M. Schlesinger e Raymond Aron em estudos clássicos.

O Presidente estadunidense leva consigo a presidência, quando viaja. Não precisa pedir licença. Daí o aparato de assessores acompanhando-o. E sua comunicação permanente com outros assessores através de ligações especiais, facilitadas em nossa era eletrônica.

O quadro torna-se mais difícil, quando o Presidente norte-americano adoce. Woodrow Wilson, inválido ou semi-inválido, ficou isolado na Casa Branca, ninguém sabe exatamente se ainda consciente, nas mãos da esposa e de uma eminência parda de nome Coronel House, seus únicos elos com o mundo.

No Brasil, tentou-se fazer algo parecido quando Del-fim Moreira enloqueceu na década de 1920. Em vão. A notícia logo transpirou e foi substituído.

Com o Presidente Costa e Silva, que brincara com fogo ao impor-se à Presidência contra a notória opinião do Presidente Castello Branco, a situação complicou-se. Fecharam um círculo de ferro em torno dele, o feitício virando contra o feiticeiro, num momento de grande crise nacional com passeatas, greves e início da guerrilha urbana.

O fortalecimento do Executivo, tão exigido em ocasiões como esta, reduziu-se em círculos concêntricos, refluindo para sua fonte originária desde 1964. A Junta Militar ocupou claramente o poder, ou proclamou-se oficialmente nele.

Agora está sendo diferente.

Foram ótimas as declarações, na televisão, dos presidentes do Senado, Jarbas Passarinho, e da Câmara dos Deputados, Nelson Marchezan. Enfatizaram o significado institucional da sucessão temporária pelo Vice-Presidente. Este é de fato o ponto fundamental.

Em seguida, os líderes de todos os partidos se solidarizaram com as medidas tomadas, noutra importante passo confirmando a crescente maturidade política nacional: desde Marcos Freire e Odacir Klein, do PMDB, a Tancredo Neves e Thales Ramalho do PP, Alceu Colares, do PDT, e Aírton Soares, do PT. Assim a abertura vai terminar dando certo.

Em breve, vamos presenciar outro passo: o tom das campanhas eleitorais, quando a reforma ou reformas eleitorais estiverem enfim definidas. Será a ocasião de verificarmos a resistência à tentação demagógica ou revanchista, no fundo, nostálgica, de um passado que nunca mais voltará. O futuro talvez seja até pior, em último caso que ninguém deseja, porém nunca igual ao que já houve.

Da mesma forma, diante dos recalcitrantes será testada a paciência dos detentores do poder, que só terão de esperar para ver o fracasso daquelas empreitadas. O que não significa que seja fácil aturar.

Mas democracia é isto mesmo. Também nela a corrida é de resistência, não de velocidade.

Nesta seqüência, será coroado o atual processo de abertura com a posse dos eleitos, diante de provável nova inquietação dos impacientes diante de alguns governadores vitoriosos como se não bastassem as atuais restrições às escolhas dos responsáveis pela segurança e finanças, o esvaziado cerne do poder estadual. Mesmo assim assustando os precipitados do outro lado.

Finalmente, a eleição do novo Presidente, ainda distante.

Concluídos os preparativos, começará realmente uma outra época no Brasil. Um teste decisivo para ver se a abertura política fará o trânsito gradual da democracia conservadora para a liberal e a social. Se conseguiremos de fato implantar uma democracia econômica.

Mas sem a consolidação das etapas, nada será possível.

Na perspectiva histórica, o presidente Geisel também se verá lembrado pelo fim do AI-5 e a coibição da violência política; o presidente Figueiredo pela anistia e pela sucessão temporária garantida ao seu Vice-Presidente, algo que deixara de ser natural entre nós.

Além, é claro, doutras providências na política externa e econômica, na complicada álgebra da história do poder.